



HISTÓRIA DOS BAIRROS DE BACABAL-MA (1920-2020)

Clever Luiz Fernandes
Doutor em Filosofia - UERJ
Professor Adjunto UFMA
clever.fernandes@ufma.br

RESUMO: A ideia norteadora dessa proposta de pesquisa em andamento é a compreensão das representações sociais dos bairros da cidade de Bacabal - MA a partir do problema da relação entre espaço e sociedade. Essa pesquisa faz parte de um projeto maior intitulado *Representações sociais sobre o Médio Mearim: uma sociologia histórica da produção da “memória”, da “cultura” e da “identidade” regional, que está sendo executada por uma equipe de pesquisadores da UFMA, do Centro de Ciências de Bacabal - MA. Este subprojeto em tela se movimenta em duas direções: as representações e memórias dos moradores sobre seu bairro (autoimagem) e as representações que os outros fazem deste espaço, mesmo quando nunca tocaram os pés naquele lugar, são aquelas percepções forjadas não na experiência direta, mas no ouvir falar (são os preconceitos, os estigmas, as imagens deformadas) que circulam pela cidade (a vila do lixão, o bairro das drogas, zona violenta, zona do baixo meretrício, os alagados de todos os anos etc.) que no fundo revelam as disputas/lutas entre os agentes habitantes de espaços diferentes na mesma cidade, bem como explicitam as desigualdades sociais, o que foi bem ilustrado na pesquisa de Elias e Scotson, *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Buscar-se-á com essa pesquisa reconstruir e seguir a expansão urbana da cidade *pari passu* as principais motivações para criações dos bairros. Existem múltiplos fatores para o surgimento dos bairros num aglomerado urbano que podem impactar diretamente sobre as percepções desse novo espaço de sociabilidade. Além disso, essas transformações na estrutura cidadina podem revelar as tensões vividas entre os atores sociais e, ao mesmo tempo, produzem ressignificações nos espaços. A teoria que dará sustentação ao presente estudo liga-se principalmente aos trabalhos de sociologia urbana de Max Weber, Georg Simmel, a Escola de Chicago, entre outros, bem como, aos estudos de Pierre Bourdieu e Norbet Elias sobre a relação entre espaço, indivíduo e sociedade. As fontes de pesquisa serão basicamente relatos dos moradores, principalmente, os mais antigos dos bairros, plantas imobiliárias, projetos da Câmara de Vereadores, fotografias e mapas. E as hipóteses levantadas para compreender as transformações da cidade de Bacabal - MA gravitarão em três eixos: 1. Fatores socioeconômicos-educacionais motivadores da expansão urbana; 2. Fatores políticos; e 3. Fatores ambientais.*

Palavras-chave: Bacabal. História. Cidade. Bairros. Representação social.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca apresentar uma pesquisa em desenvolvimento sobre as representações sociais dos bairros da cidade de Bacabal-MA e assim contribuir na construção da história da cidade. A intenção é construir uma história da cidade de Bacabal



II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



de 1920 até 2020. Este trabalho é parte de um projeto maior denominado *Representações sociais sobre o Médio Mearim: uma sociologia histórica da produção da “memória”, da “cultura” e da “identidade” regional*, que está sendo executada por uma equipe de pesquisadores da Universidade Federal do Maranhão, do Centro de Ciências de Bacabal – MA. Nele tentarei fazer uma aproximação possível entre as teorias de Georg Simmel, Max Weber e Norbert Elias a partir do problema das relações entre espaço e sociedade. Com esse diálogo conceitual desses autores busco construir minha própria imagem de Bacabal-MA, num movimento entre extremos, da autoimagem a imagem do outro, em outras palavras, a compreensão dessas duas coisas, a vida real das pessoas e as representações que elas fazem para si e de si (Silva, 1997, p.10).

HISTÓRIA DA CIDADE E DOS BAIRROS

A intensão é produzir uma história da cidade de Bacabal a partir dos seus bairros. Pensar historicamente uma cidade impõe desafios homéricos, pois as cidades não são objetos cristalizados no tempo e no espaço, pois o tempo todo as cidades estão passando por transformações, mudando sua paisagem ampliando suas dimensões ou, no extremo oposto, desaparecendo do mapa, tornando-se cidade fantasma (são muitas cidades que surgiram em zonas de garimpo por exemplo e que sumiram ficando apenas sinais arqueológicos de sua existência). Mesmo parecendo opostos, o desaparecimento e as transformações são frutos da dinâmica da história da cidade, que “enquanto realização humana, é uma fazer-se intenso, ininterrupto” (Carlos, 2013, p.67). Desta forma, a cidade associada a ideia de coisa em estado permanente de transformação impõe ao historiador um olhar sobre aspectos que já não existem mais, pois foram demolidos, soterrados e eliminados pelas mudanças vertiginosas sofridas pelas cidades. A modernização na paisagem urbana acontece o tempo todo, edificações históricas são substituídas por novas, em nome da necessidade econômica, e gradativamente o passado vai sendo pulverizado. Quanto mais antigas a cidades maiores os impactos sofridos dessa pulverização de sua história, por isso Leonardo Benevolo afirma que as cidades milenares do velho mundo passaram por transformações inimagináveis e que alguns bairros medievais inteiros foram demolidos sem deixar ao menos conservados seus desenhos ou fotografias (2011, p.251).



II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



As transformações históricas revelam o desaparecimento parcial da cidade no processo de modernização de sua paisagem.

No Brasil não se tem cidade milenares, pois nossa urbanização fruto do processo de colonização portuguesa aconteceu na primeira metade do século XVI, mas, mesmo assim, também podemos verificar essas transformações principalmente nas primeiras cidades edificadas pelos “conquistadores” e mercadores que aqui chegaram. Resta pouco das primeiras edificações construídas nos primeiros anos de vida urbana no Brasil colonial. E todo mundo que conhece mais de uma cidade histórica reconhece como são parecidas nos seus traçados.

No livro *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda escreveu páginas de rara beleza sobre a fundação da cidade em nosso território, usando Max Weber como ferramenta teórica, ele faz uma análise comparativa entre as cidades portuguesas e espanholas. Weber pensa as cidades como instrumento de dominação, por isso, as tipologias das cidades encontram-se na sua sociologia da dominação. Elas são um tipo de dominação não-legítima e toda a análise weberiana das cidades é somente no sentido econômico. Mesmo reconhecendo que “pode-se tentar definir cidade de formas muito diversas [...] Toda cidade no sentido aqui adotado da palavra é ‘localidade de mercado’, isto é, tem um mercado local como centro econômico do povoado” (Weber, 1999, p.408-9). Assim, para ele, a cidade é um lugar onde os moradores se satisfazem no mercado local suas necessidades cotidianas, pois a cidade no sentido weberiano “é um assentamento com mercado permanente” (Weber, 1999, p.410).

Assim, pode-se ligar essa visão economicista da cidade de Weber com a compreensão de Braudel para quem “as cidades nascem da mais antiga e da mais revolucionárias das divisões do trabalho: campo de um lado, atividades urbanas de outro. A oposição entre cidade e campo começa com a passagem da barbárie à civilização, do regime de tribo ao Estado, da localização pontual e dispersa à nação” (Apud: CARLOS, 2013, p.59). “A cidade nasce no momento em que a economia autossuficiente do feudo do início da Idade Média transforma-se em uma economia monetária” (CARLOS, 2013, p.63). A história da cidade está ligada substancialmente com a história econômica dos povos ocidentais. É neste sentido também que Benevolo compreende a origem das cidades. Na sua monumental obra intitulado *História da cidade* escreveu:

A cidade ... nasce da aldeia, mas não é apenas uma aldeia que cresceu. Ela se forma, como podemos ver, quando as indústrias e



II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



os serviços já não são executados pelas pessoas que cultivam a terra, mas por outras que não têm esta obrigação, e que são mantidas pelas primeiras com o excedente do produto total.

Nasce, assim, o contraste entre dois grupos sociais, dominantes e subalternos: mas, entretantes, as indústrias e os serviços já podem se desenvolver através da especialização, e a produção agrícola pode crescer utilizando estes serviços e estes instrumentos. A sociedade se torna capaz de evoluir e de projetar a sua evolução [...]

A cidade, centro motor desta evolução, não só é maior do que a aldeia, mas se transforma com uma velocidade muito superior. (2011, p.23-26)

A história das primeiras cidades no Brasil parecem contradizer Benevolo, pois elas fizeram exatamente este movimento, de pequenas vilas às cidades, mas mesmo sendo uma realidade da história das cidades no Brasil, isso não é um movimento natural ou mecânico, “existem condições históricas específicas que explicam o surgimento da cidade” (CARLOS, 2013, p.56), seja fatores políticos (transferências ou criação de uma nova capital Teresina-PI - 1852, Belo Horizonte-MG -1897, Goiânia-GO -1933, Palmas-TO -1989), fatores econômicos (mineração); fatores religiosos, entre outros. Mesmo nascendo por razões bem específicas isso não petrifica a cidade, não se pode imaginar que por isso esse tipo de cidade é coisa definitiva, pronta e acabada. Essas cidades surgem ou se desenvolvem por fatores determinados, porém se transformam. Como enfatiza Ana Fani Carlos, não se pode analisar a cidade como fenômeno pronto e acabado, “pois as formas que a cidade assume ganham dinamismo ao longo do processo histórico. A cidade tem uma história”. E assim por causa de sua historicidade, a cidade em cada momento em cada etapa de sua história assumirá formas, características e funções distintas (2013, p.57). Nesta perspectiva, o nascimento de uma cidade está vinculado e pode ser explicado por uma ou mais funções: político-administrativa, industrial, cultural, comerciais, etc.

Ao assumir Weber na analítica das cidades no Brasil, Holanda produz uma análise comparativa entre as cidades na colonização espanhola e as portuguesas. As primeiras se apresentam com traçados retilíneos, um plano regular, são cidades abstratas, pois exprime a direção da vontade humana sobre a natureza (Holanda, 1999, p.96); ao contrário, “a cidade que os portugueses construíram na América não é produto mental, não chega a contradizer o quadro da natureza”, a marca é a irregularidade, o desalinhamento das casas, pois nas cidades portuguesas “nenhum rigor, nenhum método, nenhuma



II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



providência, sempre esse significativo abandono que exprime a palavra ‘desleixo’” (Holanda, 1999,p.110). É esse desleixo, de ruas tortuosas e casas amoutadas num desalinho total, que é a marca de todas as cidades histórias brasileiras, ou depois de muito tempo, a marca dos centros históricos daquelas cidades coloniais. Revelando assim um contraste entre os traços da urbanização quase medieval e os traçados modernos geométricos. Sendo ou não pensada, planejada,

a cidade é, antes de mais nada, trabalho objetivado, materializado, que aparece através da relação entre o construído (casas, ruas, avenidas, estradas, edificações, praças) e o não construído (o natural) de um lado, e do movimento de outro, no que se refere ao deslocamento de homens e mercadorias. A paisagem traz as marcas de momentos históricos diferentes produzidos pela articulação entre o novo e o velho. O acesso à cidade é mediado por mecanismos de mercado assentados na propriedade privada da terra (Carlos, 2013, p.50).

A cidade é produção humana, “ela não existiu sempre, mas teve início num dado momento da evolução social, e pode acabar, ou ser radicalmente transformada, num outro momento” (Benevolo, 2011, p.9). Não é fruto de uma necessidade natural. Nesse sentido, quais foram as transformações sociais, econômicas e políticas que produziram a cidade de Bacabal? Quantas ruas e bairros existiam na cidade de Bacabal no início da década de 1920? Quais foram os vetores de transformações e desenvolvimento dessa cidade? Mas, além dessas e outras perguntas, o objetivo principal dessa pesquisa é saber sobre as representações sociais criadas ao longo do tempo da cidade e principalmente de seus bairros.

Diante das poucas obras sobre a história da cidade de Bacabal, a produção historiográfica urbana no Brasil é vasta e rica. E, por isso, é possível perceber que existem múltiplas formas de se pensar a história da cidade, dada a diversidade de tipos de cidades. Em linha gerais, a literatura urbana se apega basicamente as funções para explicar a origem das cidades. Mas, para além de suas funções urbanas, é necessário compreender a dinâmica histórica das cidades. Neste sentido, alguns pesquisadores do urbano escolheram estudar as cidades a partir dos seus bairros estabelecendo a mesma lógica da origem das cidades. E sinteticamente é possível dividi-las em dois tipos de narrativas: uma ligada a perspectivas memorialistas, produzida basicamente a partir das memórias de seus moradores e, a outra, com uma abordagem mais oficial e pedagógica para o uso do ensino de história na educação básica.



II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



Mas, além dessas duas possibilidades, é possível produzir uma história dos bairros de Bacabal-MA a partir do problema da inter-relação dos mundos vividos nesta porção da cidade. E tal história estaria interessada, principalmente, na relação dinâmica entre espaço e sociedade. O objetivo geral dessa investigação é apresentar as representações sociais dos bairros que circulam entre os moradores da cidade. A intenção é cartografar as representações que os próprios moradores tem de seus bairros (autoimagem do bairro) e as representações que os outros fazem do bairro, mesmo quando nunca foram neles, nunca tocaram os pés naquele lugar, são aquelas percepções forjadas não na experiência direta, mas no ouvir dizer (são os preconceitos, os estigmas, as imagens quase sempre deformadas da realidade, os estereótipos), que circulam de boca em boca pela cidade (a vila do lixão, a zona do baixo meretrício, o bairro violento, etc.), que no fundo revelam as disputas entre os agentes sociais que habitam a mesma cidade, mas em porções tão distintas que parecem viver em lugares diferentes.

Além disso, nessa movimentação entre a autoimagem e a imagem do outro fica visível o abismo existente entre o eu e o outro, explicitando a grande desigualdade social. Nas disputas ou lutas de classes, luta entre os estabelecidos e os outsiders, entre o centro e a periferia. Entretanto, não se pode objetivar centro e periferia num sentido antigo, como se a periferia das cidades fosse apenas um local desestruturado e pobre, mas como destaca Benevolo,

a periferia não é um trecho de cidade já formado como as ampliações medievais ou barrocas, mas um território livre onde se somam um grande número de iniciativas independentes: bairros de luxo, bairros pobres, industriais, depósitos, instalações técnicas. Num determinado momento estas iniciativas se fundem num tecido compacto, que não foi, porém, previsto e calculado por ninguém (2011, p.565).

Apesar dessa visível divisão social, ao contrário dos mapas com as fronteiras bem definidas, nos mapas mentais de muitos moradores as fronteiras entre seus bairros em sua cidade parecem muito difuso. A definição das fronteiras entre os bairros nem sempre é de fácil percepção, isto é, nunca é simples traçar os limites destes círculos de vida nas cidades. Porém, mais fluido do que as fronteiras dos bairros são as fruições constante destes círculos de convivência. Movimento de devir. Territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Na complexa compreensão do espaço e tempo, todos percebem a partir de um determinado tempo como a cidade vai se transformando.



II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



Os bairros surgem a partir de sua função social, mas isso não se cristaliza, e como as cidades, os bairros tem sua história. Por causa de sua historicidade, os bairros mudam suas funções sociais, bairros industriais podem desaparecer e podem se transformar em zonas habitacionais. Bairros importantes e elitizados podem ser desterritorializados e assim perdem sua importância e tornam-se populares. Zonas perigosas podem se pacificar ou o contrário. Zonas rurais tornam-se zonas urbanas seja por interversões do poder público ou da iniciativa privada. Ações planejadas ou não são vetores de transformações da cidade. E a história dos bairros de Bacabal-MA que buscarei escrever indicará os principais vetores da construção dos novos bairros a partir dos relatos de memórias dos moradores.

Para responder algumas perguntas sobre quais os fatores que impulsionaram as transformações no mapa da cidade de Bacabal, essa pesquisa não se apoiará apenas nas narrativas dos memorialistas mas dialogará com outras fontes e outras pesquisas já desenvolvidas e em desenvolvimento. Pesquisas que contam sobre os anos de fundação da vila; que revelam as lutas de sua história política (ascensão e queda dos grupos no controle da maquinaria municipal); bem como as que se debruçam sobre a história econômica de Bacabal-MA. Num olhar rápido nas edificações antigas da cidade é possível localizar vários galpões que beneficiavam toneladas de arroz. Como era a vida neste bairro na época produtiva? Como foi o impacto desta desterritorialização econômica? Como foi o processo de expansão e decadência? Qual a relação entre o desenvolvimento agrícola da região e o fluxo migratório? Quais os impactos dele na construção dos bairros? E mais, quais os impactos urbanos a partir da movimentação da fronteira agrícola brasileira? São questões que possivelmente a história econômica poderá indicar respostas.

Além deste diálogo com as histórias do poder, da economia, da literatura, a história dos bairros de Bacabal-MA também está interessada em entender os impactos da história das rodovias, em particular a construção da atual BR 316, construída nos anos dourados ou na era da inocência do desenvolvimentismo do governo de Kubitschek (Benevides, 1979). Interessante foi encontrar no livro de memória de Juscelino Kubitschek a indicação da construção deste trecho Capanema-Bacabal (2010, p.115).

No momento atual da pesquisa, não é possível mensurar ainda o tamanho do impacto da construção dessa BR, mas o fato é que as cidades sofrem um tipo de



II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



duplicação quando são cortadas por rodovias, como se existisse duas cidades para os seus habitantes, a cidade de um lado e a do outro lado da BR, e, muitas vezes, algumas pessoas vivem uma vida toda sem conhecer a outra cidade do lado oposto de sua moradia. Isso me fez lembrar a narrativa do início do romance do bruxo da literatura brasileira, Machado de Assis em seu *Esau e Jacó* escreveu:

Era a primeira vez que as duas [Natividade e Perpétua] iam ao morro do Castelo. Começaram subindo pelo lado da rua do Carmo. Muita gente há no Rio de Janeiro que nunca lá foi, muita haverá morrido, muita mais nascerá e morrerá sem lá pôr os pés. Nem todos podem dizer que conhecem uma cidade inteira... Natividade e Perpétua conheciam outras partes, além de Botafogo, mas o morro do Castelo, por mais que ouvissem falar dele e da cabocla que lá reinava em 1871, era-lhes tão estranho e remoto como o clube (1997, p.1).

Essa constatação machadiana não se limita à cidade do Rio de Janeiro, muitas pessoas morram em Bacabal-MA e, como Natividade e Perpétua, conhecem alguns bairros apenas do ouvir falar. A cidade além de viver a situação de ser cindida pela BR, como várias cidades no Brasil, tem bairros que muitas pessoas jamais colocaram os pés, porém todos receberam do ouvir falar uma representação deste bairro desconhecido. Isso apenas revela, aquilo que se escreveu anteriormente, a existência de tensões, rixas e disputas entre os agentes sociais que moram na cidade.

Com essas representações sociais, frutos do conhecimento e do desconhecimento, quero numa certa aproximação com a sociologia weberiana tipificar os bairros de Bacabal-MA. A ideia é indicar sumariamente as principais características dos bairros bacabalenses de ontem e de hoje, pois com isso é possível perceber os padrões de sociabilidade e as funções sociais dos referidos bairros, num tipo de zoneamento da cidade. O zoneamento revela um tipo de funcionamento da cidade, onde se encontra o que nos vários territórios da cidade num determinado tempo, pois existe um dinamismo neste zoneamento. Uma zona industrial pode se desterritorializar e mudar radicalmente de função social, uma vez que o fluir da história deste local acaba e fica apenas a memória. Mas, isso não acontece naturalmente, são frutos dos conflitos, das tensões entre os moradores.

Em Bacabal-MA quando construíram teatro e cinema (um tipo de zona de lazer) próximo a rua onde funcionavam bares, boates e cabarés produziu-se um conflito. Alguém tinha que ser desterritorializada. Alguém tinha que mudar de local. Essa situação



II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



aconteceu na Rua 28 de Julho, na década de 1960. Como nada na sociedade acontece naturalmente, a Igreja Católica usou de sua força política para pressionar o poder público para transferir as casas do “amor livre”, como define Georg Simmel (2006). Este conflito se justifica na moralidade social da época, que compreendia que onde funciona a zona do baixo meretrício não pode funcionar o lazer das famílias de bem. De acordo com Frank Oliveira da Silva, “devido ao movimento empreendido pelas famílias e a Igreja Católica, a Câmara Municipal transferiu os bordéis para ‘rua 14 de julho’, aberta no bairro Três Irmãs, atual bairro da Areia” (2006, p.53).

Mas, o melhor não foi que o 28 virou 14, e sim o desabafo final do vereador da época, Raimundo Sérgio de Oliveira, que, segundo o pesquisador, afirmou: “não foi fácil, não foi fácil, mas conseguimos” (SILVA, 2006, p.53). A pergunta que não se pode deixar de fazer, por que não foi fácil? Pode-se pensar que não foi fácil porque tanto os eclesiásticos como as donas dos bordéis conheciam muito bem, cada um a seu modo, a intimidade dos cidadãos de bens, uns no momento sagrado ajoelhado no confessionário e, as outras, deitados na alcova do bordel.

Sem dúvida, ninguém conhece uma cidade toda e muito menos apenas lendo seus mapas, é circulando (andando) com atenção por ela que vamos efetivamente transformando nosso conhecimento teórico em uma percepção real daqueles lugares indicados nos mapas. É o movimento entre a vida real dos bairros e as representações que se produzem deles, seja na autoimagem, seja na visão do estrangeiro. Essa passagem acontece quando nos permitimos sentir por meio de experiências concretas o espírito da cidade e dos seus bairros. A cidade é um lugar de experiência, não é apenas um aglomerado de edificações, para além delas tem-se a vida pulsando. E esse pulsar da vida na cidade acontece no lugar onde os moradores produzem sua identidade, pois são nos bairros onde os moradores vivenciam e experimentam a vida da cidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Andreia Rodrigues de. **Do sertão à beira-rio**: a transferência da capital do Piauí e a Teresina oitocentista. Teresina: Cancioneiro, 2023. 303p.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **O governo Kubitschek**: desenvolvimento econômico e estabilidade política. 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 302p.



II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



- BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade**. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2011. 728p.
- CARLOS, Ana Fani A. **A cidade**. 9.ed. São Paulo: Contexto, 2013. 98p.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 220p.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. 224p.
- KUBITSCHKE, Juscelino. **Por que construí Brasília**. Brasília: Senado Federal, 2010.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Esau e Jacó**. São Paulo: Globo, 1997. 233p.
- MEMÓRIAS E TERRITORIALIZAÇÃO. **Espaço E Cultura**, (41), 167–188. <https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2017.45376>
- MOURÃO, Paulo Krüger Corrêa. **História de Belo Horizonte de 1897 a 1930**. [Belo Horizonte]: Edição do autor, 1970. 520p.
- Pereira da Silva, N., & Almino de Freitas, N. (2017). VILA UNIÃO: BAIRRO, OLIVEIRA, A. M. V. de; PEIXOTO, E. R. Estudos de Bairros: entre a Arquitetura e a História. **Revista Mosaico - Revista de História**, Goiânia, Brasil, v. 2, n. 1, p. 59–67, 2009. DOI: 10.18224/mos.v2i1.783. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/783>. Acesso em: 18 nov. 2023.
- OLIVEIRA, A. M. V. de; PEIXOTO, E. R. Memórias e Cotidiano de um Bairro em Goiânia. **Revista Jatobá**, Goiânia, v. 4, 2022. DOI: 10.5216/revjat.v4.74657. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revjat/article/view/74657>. Acesso em: 18 nov. 2023.
- PELA FREIRE, C. M. Do outro lado da linha do trem: História e intervenções no bairro Lagoinha - DOI: 10.5752/P.2237-8871.2011v12n16p110. **Cadernos de História**, v. 12, n. 16, p. 110-136, 1 maio 2011.
- SILVA, Frank Oliveira da. **A gênese das nomenclaturas de dez logradouros do centro de Bacabal-MA**. Caixia: UEMA, 2006. (monografia de conclusão do curso de História).
- SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. **A construção de Brasília: modernidade e periferia**. Goiânia: UFG, 1997. 137p.
- SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. **História dos bairros de Goiânia**. Goiânia: Edição do Autor, 1999. 15p.
- SIMMEL, Georg. **Filosofia do amor**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.



II SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UFMA - Bacabal, de 18 a 20 de outubro de 2023



WEBER, Max. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva.
Brasília: UnB, 1999. (vol.2). 580p.